

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO SEGMENTO DA SAÚDE
INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES IN THE HEALTH SEGMENT

Maria Cristina Sanches Amorim*

Em todo o mundo, o segmento da saúde está entre os primeiros quanto à incorporação de inovações tecnológicas e, em particular, da tecnologia da informação e comunicação (TIC). No Brasil, desde a década de 2000, é considerado um setor estratégico para o investimento em inovação por parte do governo federal.

Pierre Levy, em 1990, escreveu o instigante “As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática” (no Brasil, editado pela 34), com a instigante tese: a difusão da TIC produz um “coletivo pensante”, constituidor das culturas e inteligência dos grupos, que, a exemplo do desenvolvimento da escrita, tornou a espécie humana mais inteligente.

Manuel Castells (*La era de la información*, Alianza Editorial: Madrid), em 1996, acusou o surgimento de uma “nova estrutura social” associada ao “infomacionalismo”, isto é, às alterações produzidas pela TIC no modo de produção.

Autores como Levy e Castells escreveram há, aproximadamente, 25 anos, foram visionários à época, produziram análises prospectivas. Hoje não há mais dúvidas sobre a essencialidade da TIC, em qualquer segmento e, em particular, na saúde.

Os sistemas informatizados para transmissão e manuseio dos dados clínicos, laudos radiológicos, compartilhamento de imagens e informações são tão frequentes e abundantes que o Conselho Federal de Medicina e a Anvisa estabeleceram regras para a utilização destes recursos (Resolução 2.107/2014 e Nota Técnica 2/2014, respectivamente).

A inclusão digital – acesso dos cidadãos à internet – tornou-se tão importante quanto a alfabetização. E neste mundo “hiperconectado”, qual a função da informação impressa? Não há resposta simples para a pergunta. Humberto Eco e Jean Claude Carrière escreveram o delicioso e imperdível “Não contem com o fim do livro” (Record, 2010), mais para conversar sobre o tema. De um lado, a mídia eletrônica reduz drasticamente o custo de produção da distribuição, permite interfaces, diminuiu o tempo morto na busca pela informação e tantos outros benefícios. De outro, o livro contém apelos simbólicos, é mídia estável e assim por diante.

A partir do número atual, a Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba deixa a mídia impressa para “circular” apenas como eletrônica. Estamos certos de que é a melhor alternativa para um periódico científico, assim continuamos a contribuir com o desenvolvimento de pesquisadores e demais profissionais.

Na última reunião dos editores a decisão foi unânime, mas não sem um certo pesar...

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 17, n. 1, p. I, 2015

* Professora do Programa de Pós-graduação em Administração do Depto. de Economia - PUC-SP, coeditora da Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba.

Contato: cris.amorim@puccsp.br